

YOUTUBERS – UM FILME DE SANDRA WERNECK E BEBETO ABRANTES

[Júlia]

Minha mãe, quando ela viu um vídeo meu pela primeira vez na internet, porque eu respondi, né?

Eu fiz de tudo para esconder.

Eu tentei esconder, eu escondi muito aquilo.

Porque... Um medo...

Eu tinha medo do que as clientes do salão iam achar.

Olha esse medo.

Eu tive esse medo já.

E aí...

Eu fiquei nessa...

Nesse medo.

E aí eu não mostrei pra minha mãe.

Até que um dia ela viu, e aí, os vídeos...

Nos primeiros vídeos eu já falava de xereca, né?

Já... Já comecei falando de xereca.

E aí ela ficava:

"Minha filha, é exposição demais.

Você não tá se expondo muito?"

Até que... Sei lá...

Eu apareci na televisão.

Aí, não dá, né?

O brasileiro tem essa sede da fama.

De ser atriz de novela. Sabe, de aparecer no Jô.

Aí, quando começou esse rolê, minha mãe, afinal de contas, é brasileira, então, ela tem algum tanto dessa febre, e aí ela já começou a ficar mais animada.

Aí, acho que depois ela foi vendo que a parada tava sendo importante, tava fazendo diferença

na vida de algumas pessoas, de alguma forma...

Olha aí, areia!

Problema de ter um... um biquíni que não é um biquíni...

Porque eu não tenho biquíni, eu não uso biquíni, eu uso calcinha e sutiã.

Porque quando a pessoa fala assim: - "Vamos?!"

Aí você já tá com um biquíni sempre, né?

Porque é a calcinha e o sutiã, o biquíni.

Eu acho a melhor forma.

Só que aí, o sutiã é todo fodido, aí ele...

Entra areia nuns buracos que eu não consigo tirar.

Nunca acaba!

Nunca acaba a areia.

Mas, enfim, eu não tava falando sobre isso.

O que eu tava falando mesmo?

Sim, mas continuando...

A minha adolescência foi formidável!

No entanto, eu não notei na hora, porque eu tava muito focada em namorar, em arranjar um namorado.

Aí, mas assim, eu tinha 1 milhão de amigos, eu tinha...

Eu era convidada para todas as festas, sabe?

As pessoas esperavam eu chegar porque eu sabia os passos das danças.

Eu tinha amigos ótimos, eu não era excluída de nada, sabe?
No recreio eu tinha com quem brincar.
Eu era boa nos esportes.
Perfeita, a adolescência.
Só que ninguém queria namorar comigo.
E aí, isso fez eu achar, na hora, que a minha adolescência foi um grande caos, um desespero, um drama horrível.
Mas, pensando agora, foi ótima, a minha adolescência.

Eu lembro muito uma conversa que minha mãe teve comigo uma vez.
Eu tava lá na pré-adolescência, aquela coisa.
Só que eu era a divertida, a engraçada, a que todo mundo achava legal, que tava sempre feliz e que animava a galera.
E aí teve um dia que eu tava triste.
E aí eu não tava me deixando ficar triste.
Porque eu era a alegre.
Aí um dia minha mãe sentou comigo e falou:
"Júlia, tudo bem você ficar triste também.
Tem essa opção de sentimento também pra você.
Não precisa ser só a alegrinha."
E aí eu falei: Nossa!
Foi como uma permissão, sabe?
De tipo, vai! Dá vazão a esse sentimento, seja lá qual for.

Pronto, última blusa, hein!
Estão animados?
Pro próximo evento que nós vamos fazer, que vai ser o quê?
Lavar um carro, sei lá.

[Spartakus]

Meu dia começa comigo me conectando comigo mesmo, com os orixás, com Deus, com a gratidão.
E aí, pra continuar um dia bom, eu venho aqui e recebo "bom dia" de todos os meus seguidores, que são maravilhosos.
Pra eu focar nas coisas boas e começar o dia com energia positiva.

Aí, tem vários lindos aqui.
- Gratidão!
-Lady Gaga te ama.
- Você é muito inteligente.
- Você merece ser feliz.
- Viver é uma dádiva.
- Você é o gay mais maravilhoso que eu sigo.
- Você ajuda muita gente com seus vídeos, relaxa, vai dar tudo certo.

Um dia eu tava muito na "bad", sabe, tava triste.
Eu fico aqui sozinho nesse apartamento e, às vezes, de vez em quando, bate tristeza.
E aí eu abri no meu Instagram uma pergunta.
Falei assim:
- Gente, me mandem mensagens positivas.
Aí as pessoas mandaram e aí eu fui e fiz um mural pra eu lembrar delas sempre.
Aqui estão eles, todos eles.
Porque, sei lá, às vezes, principalmente youtubers que falam de causas sociais, a gente tem que lidar com muito "hater", sabe?
Com ataque.

E aí fica parecendo que a internet é algo muito pesado.
E aí eu deixo aqui pra poder lembrar que tem muita gente que gosta de mim também.

[Arnaldo]

Eu vou agora aqui na jabuticabeira pra repor as energias da caminhada.
Criança, hoje em dia, não faz mais isso.
O meu filho faz porque eu ensino.
Senão fica só no videogame e não sabe subir numa árvore.

Tem que deixar algumas pros passarinhos também.

Estourou dentro do meu bolso.
Mais algumas.
Pronto.
Isso é melhor que bala.
Muito mais gostosa.

Eu sou filho de um pai agnóstico e minha mãe, não, minha mãe foi de várias religiões.
Minha mãe foi católica, umbandista, até depois, finalmente, se tornar evangélica.
E eu comecei a seguir a religião da minha mãe.
Fiquei na igreja em torno de quatro anos.
Quando eu saí, minha mãe e minha esposa continuaram.

A minha vida é bem diferente da vida da minha família, porque eles vivem aqui 24 horas.
Eu acho que é por isso que eles sentem um pouco de tédio, às vezes.
Mas pra mim, como eu viajo muito, sempre fazendo show, eu não sinto essa falta.
Na realidade eu sinto falta de ficar em casa.
Sinto falta de ficar aqui no sítio.

Eu conheço o canto de todos os pássaros daqui.
Eu convivo com eles quase todo dia, né?
Então... Sabiá, então!
É...
É uma coisa que não tem como você não conhecer.
Ela canta: "Pior que é, pior que é, pior que é..."
Às vezes aparecem uns pássaros diferentes aqui, que a gente nunca viu na vida.
Uns cantos assim meio doidos.
Tinha um de madrugada que cantava assim:
"Ai!!"
"Ai!!"
Eu pensei que tinha alguém sendo atacado no meio da mata.
Depois eu descobri que era um passarinho.
Nunca vi passarinho gritar "ai".

[Guilherme]

O canal começa em 2015.
E aí, lá no começo, o canal era basicamente de culinária vegana, entrevista e humor.
Ficava tudo um pouco superficial, ou um pouco no campo do entretenimento.
Conforme a gente foi descobrindo uma necessidade de falar sobre os assuntos que a gente falava fora do canal.
Então, as minhas rodas de conversas com meus amigos, as minhas discussões dentro da Academia, as coisas que eu lia, os meus alunos, os debates que eu tinha

em sala de aula, todas essas coisas elas precisavam atingir um número maior de pessoas.

Desde então tem sido muito bacana.

Tem sido uma oportunidade de fundir as linguagens da Academia à linguagem da internet, mais jovem, mais acessível, mais democrática.

E fazer um híbrido novo, que é esse educador, que ao mesmo tempo é um sei lá...

Um "showman", alguma coisa assim.

Eu sou um caso que não é raro no Brasil.

Eu faço parte da estatística de lares que foram chefiados por mulheres, sempre.

Minha mãe foi o chefe da minha família nuclear.

Eu tenho um pai que se divorciou da minha mãe muito cedo, que abandonou a família, que não proveu nem emocionalmente, nem materialmente pra essa família.

E minha mãe era, no meu ponto de vista, uma grande intelectual.

Ela era muito inquisidora, muito indagante a respeito da realidade dela, também muito debochada.

Acho que a Rita tem uma veia fortíssima dessa minha mãe debochada, indagante, inquisidora.

E, além disso, também, eu acho que eu penso muito que família tem menos, hoje, a ver com sangue e muito mais a ver com as pessoas que a gente escolhe pra estarem ao nosso lado durante essa jornada.

[Mari G]

-E aí, viado?

[Guilherme]

Ah! Muito maravilhosa!

Muito ensolarada!

[Mari G]

E o cabelinho?

Só no cabelinho.

[Guilherme]

Essa é a Mari Gê, que é minha melhor amiga, minha produtora, minha vizinha, minha assessora...

Escrava, terapeuta...

A "co-host", sempre sonhei em falar isso, do "Mulheres foda".

Chique!

Ah! Muito chique!

[Homem]

Eu sou só o namorado mesmo.

[Guilherme]

Não. Nessa empreitada você já foi motorista, chefe de cozinha, porteiro...

[Mari G]

E nosso produtor também.

[Guilherme]

Co-produtor, no caso.

E quando você não tá eu fico triste, viu?

[Júlia]
Oh, de casa!

[Mulher]
E tu, cara de cu?!

[Júlia]
Ah! Que saudade!

♪ Oh, bruxinha bonitinha ♪
♪ Da vassoura de capim ♪
♪ Me carrega pelo espaço ♪
♪ Abre os braços só pra mim ♪

[Mulher]
Você eu amo.

[Julia]
Apesar de estarmos gravando um troço sobre youtubers, estou um pouco agoniada de falar com gente demais.

[Mulher]
Mas e o que tu vai fazer da vida?

[Julia]
Falar com menos gente.

[Mulher]
Impossível! Tu? Tua natureza?
Mas eu acho importante esse seu trabalho.

[Júlia]
Eu acho também.
Mas eu acho que tem uma hora que...
Acho que a gente tinha que estar se organizando em grupos menores, sabe...
Porque esse negócio...
Fica uma ilusão de que uma pessoa ou algumas pessoas vão dar conta de tudo.
Tipo, chega um jovem de vinte e poucos anos e fala: "Eu vou acabar com o racismo no Brasil".
E aí faz um aplicativo e aí começa uma empresa de sei lá o quê, uma ONG...

[Mulher]
Daqui a pouco ele está se corrompendo.

[Júlia]
Não, daqui a pouco ele tá tendo ataques de ansiedade e ataque de pânico.
Porque não dá pra dar conta de muita gente.
Aí eu tô achando que tá sendo melhor organizar em grupos menores e aí você dá conta daquele grupo.
Que foi como a gente foi feito pra fazer.
Nasceu.

[Mulher]
Mas o que eu quero dizer é o seguinte, tenho uma coisa pra lhe dizer.
Tem um vídeo seu, amor.
Que eu não consegui assistir.

Por quê? Porque me...

Mexe internamente e eu não consigo permanecer assistindo.

[Júlia]

Qual é o vídeo?

[Mulher]

O da violência de criança.

[Vídeo JoutJout]

Talvez eu revire algumas coisas aí em você agora.

É possível que esse vídeo abra umas portas horríveis aí dentro, umas portas que você passa todos os dias da sua vida tentando fechar.

E talvez até abra uma porta que nunca tinha sido aberta antes e aí de repente você se dá conta de que ela sempre existiu, mas você fechou ela tão bem fechada que por muitos anos ela meio que passou despercebida.

Se isso acontecer com você, eu queria, primeiro, te pedir desculpas.

Eu queria muito que esse vídeo fosse tão desnecessário que ele nunca tivesse que ser feito.

Mas não é que ele é necessário, é que ele é urgente.

A gente tá com um problema, que é o seguinte: tem muitos, muitos adultos abusando sexualmente de crianças e adolescentes no nosso país. Muitos mesmo!

[Julia]

Eu faço o vídeo, aí muita gente vê.

Só que eu não tô olhando na cara dessas pessoas.

Eu só faço o vídeo, boto e elas veem sei lá onde, em que temperatura que elas estão, com o que acabou de acontecer na vida delas, sabe?

E aí, quando você começa a fazer vídeo, um mecanismo que você desenvolve no seu cérebro é de você...

Quando você fala uma frase, você já consegue ver onde estão os problemas dessa frase, aí você já volta e fala ela de novo, de um jeito que você vai eliminando o máximo de problemas que ela tem.

Entendeu?

[Mulher]

Tu é muito doida.

[Julia]

É um mecanismo muito doido.

Eu sou muito doida, eu sei.

Mas é só assim que dá pra fazer as coisas.

Eu não me demoro em lugares que tem gente que não é doida.

Porque, se você...

[Mulher]

Eu também não.

[Julia]

Olha, só...

Tem a normalidade estabelecida no planeta.

Eu não concordo com ela.

Então, se você é normal, de acordo com o que é normal socialmente, hoje, no Brasil, a gente já não vai ser muito amigo, entendeu?

Eu preciso que você seja um pouco doida.

Eu preciso que você discorde um pouco do que tá colocado, pra gente começar a ter uma conversa maneira.

[Vídeo Spartakus]

Gratidão, todos e todas, aqui quem fala é Spartakus Santiago.

Começo agora mais um vídeo.

E nesse vídeo eu quero compartilhar com vocês algumas das minhas reflexões.

O que é ser pardo, o que é ser negro, o que é ser negro escuro o que é ser negro claro, o que é ser branco, no Brasil.

[Spartakus]

Eu acredito que ser youtuber é ser o apresentador de televisão do futuro.

É como se todos nós tivéssemos a oportunidade de ser um pouco o Silvio Santos, porque todo mundo é dono do próprio canal.

E ao mesmo tempo, ser youtuber é ser influenciador.

A gente está lá compartilhando a nossa vida lá nos stories pras pessoas assistirem, como se fosse um reality show.

Elas acompanham a nossa história, elas torcem, elas julgam se o que a gente faz é certo ou errado.

No início do meu canal, eu...

Tipo, se tinha algum acontecimento recente, eu colocava a minha opinião na internet, e aí as pessoas se sentiam influenciadas por mim.

E aí sempre que tinha outro acontecimento as pessoas queriam saber o que é que eu achava.

E aí eu fazia um vídeo pra elas entenderem como se posicionar.

Só que aí eu cansei de ser jornalismo, porque eu acho que eu não quero ser o Datena da televisão, falando das tretas, das polêmicas.

Aí hoje eu prefiro falar não de eventos, mas de ideias.

[Vídeo Spartakus]

A primeira coisa que a gente tem que entender é que cada país tem uma questão racial diferente.

Nosso país é um país miscigenado, ou seja, é muito comum a gente ver pessoas brancas no Brasil que têm a pele um pouco mais escura, mais moreninha.

Por exemplo, tem pessoas que são brancas no Brasil e vão para os Estados Unidos e descobrem que lá

elas não são brancas.

Nos Estados Unidos elas são latinas.

Ou seja, a gente tem que entender que branco no Brasil é um lugar que você ocupa, de privilégios, e que negro, historicamente, no Brasil, também tem um lugar muito definido.

[Spartakus]

Hoje eu tenho 500 mil seguidores no Facebook.

Meio milhão, né?

Tenho 180 mil no Instagram e 125 mil no YouTube.

Hoje eu não posso ligar a câmera e falar a minha opinião.

Porque eu sei que eu tenho pessoas que estão me assistindo, e se eu falar algo errado elas podem, sei lá,

começar a odiar alguém de graça, atacar alguma pessoa, sem sentido.

Então, se no passado, quando tinha algum acontecimento, sei lá, eu escrevia cinco tópicos, ligava a câmera e falava, agora eu tenho que escrever um roteiro e revisar letra por letra, e quando eu ligo o vídeo, eu falo tudo o que eu pensei antes.

[Guilherme]

O amor pelos livros, ele é uma prática.

Ele não nasce, floresce e um dia você está amando livros.

Mas ele é uma espécie de cultivo, como todo amor, no geral.

A gente não nasceu amando a internet, a gente aprendeu a amá-la quando descobriu que poder ela tinha nas nossas vidas.

E eu acho que um dos papéis de descolonizar o desejo é relembrar às pessoas do poder da leitura e do poder do livro.

"Outra perspectiva dentro dos estudos culturais."

A gente tem um tempo de atenção que se encurtou.

A gente tem uma realidade que nos bombardeia constantemente com estímulos, cores, barulhos, sons, cheiros...

E se o intelectual se encarcera na torre de marfim, se isola do espaço democrático, do espaço de troca,

da juventude, ele deixou de ter qualquer importância ou agência filosófica, política, formadora de opinião.

Ter um canal, produzir conteúdo, dialogar, ter seguidores...

Se você não usa nada disso pra mudar a realidade, então para quê tudo isso serve?

[Arnaldo]

Comecei a fazer o pastor, eu tava com medo porque é um campo melindroso, esse negócio de mexer com religião.

Eu tava trabalhando mal ou bem fazendo locução pra várias marcas, e não sabia se isso poderia influenciar negativamente.

Mas por trás disso também tinha um desejo meu, que era um ativismo mesmo, assim...

De protestar contra as falcatruas que eu via, que os pastores estavam fazendo na televisão.

Ararastrávia!

Agora chegou o Apóstolo Arnaldo.

Amém ou não amém?

[Vídeio Apostolo Arnaldo]

Edir Macedo chegou a tua hora.

Ninguém tem coragem de falar mal de tu, mas eu tenho.

Agora tu vai ver só!

Vou tirar a tua virgindade de esporro.

Eu nem vou usar a Bíblia hoje.

Se o Macedo não usa direito, não serve pra nada pra ele.

Pra começar, não entendo essa tua emissora de TV, que no horário nobre passa putaria e de madrugada passa pregação, porra!

Não era pra ser o contrário?

Eu tô em casa, jantando com a família, cheio de criança correndo pra lá e pra cá, e tua emissora mostrando aquele programa "A Fazenda".

E na hora que vai todo mundo dormir, que eu ligo a televisão pra ver se eu vejo uns peitos, tá tu mostrando pastor, porra!

[Arnaldo]

É um vídeio em que eu usava uma linguagem bem mais livre, carregada de palavrão e tudo mais.

É de 2014, esse vídeio.

Teroturábia, negasúbia, pau no seu cu!

Essas palavras assim, "alabrastrávia", isso são coisas da Igreja Pentecostal. Na Igreja Pentecostal existe essa coisa de você falar em línguas estranhas, que é um dom de Deus e tudo mais. Só que acontece que nem todo mundo que tá ali na igreja fala essa língua com sinceridade. Às vezes, as pessoas estão simplesmente fingindo que estão falando. Então, eu solto umas coisas assim. "Decambalabaxébia"... "Alalastravia"... "Iabadabadu"... Até "Iabadabadu" a gente coloca, né?

[Vídeio Apostolo Arnaldo]

♪ Pica ♪
♪ Pica das galáxias ♪
♪ Amor de pica ♪
♪ Pica das galáxias ♪
♪ Onde bate fica ♪
♪ Pica das galáxias ♪

Oh, Bispo Arnaldo!
Como tá, meu querido?
Já tá com o dinheiro do dízimo?
Tudo bem.
Posso levar as irmãzinhas aí pra sua mansão?
Pra gente fazer aquela festinha?
Tudo certo, então.
Tô chegando.

[Arnaldo]

"Dízimo ostentação", o nome do vídeio.
É uma sátira do que os pastores fazem.
Na realidade, por trás eles fazem as festinhas deles.

[Vídeio Apostolo Arnaldo]

♪ Se quer a salvação ♪
♪ E muita diversão ♪
♪ Venha com o Bispo Arnaldo e com o MC Varão ♪
♪ Vou te mostrar que a minha gente é esperta ♪

♪ Vem curtir com a gente ♪
♪ O dízimo e as ofertas ♪
♪ Tem fiel que não paga nem a conta de luz ♪
♪ Eu digo a ele, entrega tudo é pra Jesus ♪
♪ Se você me dá seu dízimo, só ouve o que tu quer ♪
♪ Depois eu saio e gasto tudo com mulher ♪
♪ Profetizo avião para cortar o céu azul ♪
♪ Minha gelada tá aqui na bagcool ♪
♪ Me embriagando, eu vou ficando na moral ♪
♪ Vou gastando o seu dízimo ♪
♪ Só não me leve a mal ♪

[Arnaldo]

Na realidade isso é uma denúncia.
O que acontece em muitas igrejas.
Pastores de fachada, que se dizem pastores e não são.
Eu achei essa letra maravilhosa.

♪ Ungindo todas novinhas ♪
♪ Só andando de Rolex ♪
♪ Carro com banco de couro ♪
"Eu tenho uma igreja hoje, eu tenho uma mina de ouro."
♪ Essas irmãzinhas são santinhas, eu tenho dó ♪
♪ Muitas delas se derretem por uma grama de pó ♪
♪ Parecem falar em línguas ♪
♪ Meu amigo, não se ilude ♪
♪ Ela está chapada com os goles de Absolut ♪
♪ Quer ostentação É só colar comigo ♪
♪ Eu tô curtindo com o dinheiro do seu dízimo ♪
♪ Se quer ostentação É só colar com a gente ♪
♪ Estamos curtindo com a oferta dos crentes ♪

Tem vídeo que é fácil de fazer porque é alguma coisa que já está acontecendo, alguma notícia, alguma coisa absurda.

Ah! Fulano falou da "cura gay".

Então, vamos falar sobre isso.

Mas tem muito material na mídia mesmo, muita notícia, muita coisa.

É incrível como os pastores, às vezes, conseguem superar a minha criatividade.

Eu pensei em fazer um vídeo de camisinha ungida e já tinha um pastor vendendo camisinha ungida.

Então, eu fico pensando na dificuldade que está em vencer a realidade disso, né?

[Vídeo Spartakus]

E ai, pessoal!

Você que me acompanha e está querendo saber como está aqui em Nova Iorque.

Então vamos hoje sair em Nova Iorque por um dia, né?

Não gastando muito, mas curtindo.

Eu quero mostrar pra vocês como é um sábado em Nova Iorque.

Estou aqui com o Ian, meu amigo.

E a gente está aqui no Harlem, um bairro muito importante para os negros, muito importante pro Jazz.

E estamos saindo daqui, estamos indo para o Central Park porque é gratuito.

[Spartakus Off]

- Ir pra Cuba ninguém quer.

- Hipócrita.

- Reclama que é vítima, mas foi pros Estados Unidos.

- Famoso esquerdista que aproveita o capitalismo.

- Por que não vai fazer um rolê na Venezuela?

[Spartakus]

As pessoas olham o lado bom da fama, ninguém vê o lado pesado, sabe?

Ninguém vê todo mundo que te odeia.

Eu tenho "hater", eu tenho muita gente que me odeia.

Já passei por um linchamento virtual.

Foi horrível! Assim ..

Eu fiquei com medo de sair de casa, porque eu achei que tava todo mundo me odiando.

Eu tinha medo de olhar pras pessoas no metrô, porque eu achei que as pessoas podiam me atacar, sei lá.

Muito sofrimento.

Eu tava mal, sabe?

Eu tava num momento na internet, naquela época, que eu achava que eu era o Martin Luther King da internet.

Que eu ia salvar o mundo do racismo fazendo meus vídeos.

Eu tava querendo abraçar o mundo com o meu canal.

E aí isso tava me fazendo mal.

Eu tava começando a ficar doente.

Tipo assim, não só mentalmente, porque eu tava surtando.

Mas fisicamente, sabe...

Eu tava com doença de pele, minha imunidade ficou baixa.

Eu morava num quatinho de empregada, na casa de uma amiga, na época.

Eu tava morrendo a cada dia, pra tentar salvar o mundo do Bolsonaro e do fascismo e do racismo.

Eu tinha me encarregado dessa missão.

Ser um super-herói.

E aí foi um momento que eu falei: calma!

Do jeito que tá, não dá.

Você não tem super poderes pra ser super-herói.

Quando vierem te atacar, você vai fazer o quê?

Você vai morrer.

[Júlia]

Eu gosto muito de ir nuns lugares que eu sei que eu vou estar só.

E aí eu vejo o pôr-do-sol, e ai aqui assim tá passando uma formiga carregando uma folhinha.

E aí eu fico me perguntando:

Por que o pôr-do-sol é mais incrível do que a formiga carregando a folhinha?

É o quê? É o tamanho?

Porque é grandioso uma formiga carregando uma folhinha, sabe?

E aí eu fico me perguntando:

Por que que os escombros não podem ser também um lugar lindo e grandioso?

Olha aí a galerinha. Eu amo.

E aí nesses cantinhos assim, sei lá...

Eu gosto de ir nos cantinhos que estão esquecidos.

Tenta fazer a abstração de que não tem 20 mil pessoas aqui, atrás da câmera e tal.

Todo mundo coberto, cheio de...

Imagina que você está aqui só, sentadinho aqui e observando.

Não é uma solidão gostosa?

E aí, de repente, uma gaivota!

E tralalalalá...

Parece que tudo vai ser pra sempre e nada é.

Nem os nadas.

[Guilherme]

Eu fico pensando que a transformação acontece em etapas e períodos e processos.

Eu fico pensando também que existe alguma coisa muito mágica, muito ritualística, de se pintar pra uma atividade.

Se a gente pensar que desde os guerreiros até os sacerdotes e os artistas, durante muito tempo

eles pautaram as vidas e as atividades deles por um fazer de pintura.

Então, mesmo os guerreiros tribais, eles antes de ir pras batalhas, pros conflitos, pros confrontos, eles se pintavam.

O processo de caracterização ele, ele não é só externo, ele não acontece só através de figurino, maquiagem e adereço.

Ele envolve também um processo da persona, a drag queen, ela não é um personagem.

Personagem qualquer pessoa pode fazer, né?

A Julieta tá sendo feita há mais de 500 anos na história do Teatro.

E a persona, só a pessoa que faz a persona pode fazer.

Esse processo de caracterização e de maquiagem, de trabalho em cima da criação de outras feições, ele é praticamente um trabalho de memória e tributo.

A gente vai lembrando das mulheres que a gente homenageia e que nos trouxeram até aqui. Né?

Eu encontrei muito do que eu entendia como a minha estética, na pin-up, durante e pós guerra, os 60 do sonho americano, da dona de casa recatada, do lar, com máquina de lavar, aspirador de pó, cachorro, filho, apartamento, casa no subúrbio, dois carros na garagem...

A pin-up aparece nesse cenário pra mostrar e denunciar um pouco dessa moral pequeno-burguesa norte americana, né?

E falar: É impossível viver uma sociedade sem desejo.

Uma sociedade sem desejo está morta.

[Spartakus]

Eu vim pra cá com 17 anos, sozinho, sem ninguém.

E lá em Itabuna, como era a minha vida?

Então, eu tive uma fase mais ou menos da minha infância até o início da adolescência, que foi:

Eu era o nerd que sofria bullying, né que era viado demais pra ter amizade, e que por isso se dedicava aos estudos né.

Eu lia muito e depois teve uma fase que eu tentei ser hétero, tentei me enturmar com o pessoal que fazia bullying comigo, não funcionou.

E é isso.

Eu vim pra cá nesse momento de me descobrir, entender quem eu era, quem eu sou.

[Vídeio Spartakus]

O homem negro que é aceito na nossa sociedade é o homem negro "negão", que é o cara forte, musculoso, pauzudo, comedor.

E, assim, o cara negro, pra ele ser valorizado na sociedade, ele tem que seguir esse estereótipo.

[Spartakus]

Esse vídeo "A solidão do gay negro", eu tava muito na "bad" no dia que eu gravei, sabe?

Tava triste.

E por isso eu falo de coisas muito tristes que eu vivi na minha vida.

E aí acaba que ele é um recorte muito negativo da minha vida.

Parece que a minha vida é só dor.

E hoje em dia eu luto muito pra poder sair desse lugar.

De falar que eu não sou só uma pessoa que sofre, que só sofre racismo e homofobia, eu sou uma pessoa que sorri, que vive e se diverte.

Mas, ao mesmo tempo, tudo que eu falei naquele vídeo é verdade.

[Vídeio Spartakus]

O ser nunca desejável pelas pessoas, desde pequeno.

Ser rejeitado pelas meninas e pelos meninos.

Ser rejeitado pelas meninas porque você é muito afeminado, porque você não é aquele garoto que gosta de futebol, interessante, paquerador e tal.

E você é rejeitado pelos meninos porque você é viado e a sociedade é homofóbica. Isso vai formando uma ausência de autoestima dessa forma, entendeu?

[Spartakus]

Na verdade, eu me perguntava por que é que eu tive o azar de nascer viado?

Sabe? De nascer com esse jeito.

Eu não fiz nada pra merecer essa punição.

Até porque a religião da minha família dizia que era uma punição.

Minha família é muito Católica.

E aí, tipo assim, é pecado.

Eu até entendia que eu sentia vontade, mas eu falava assim:

eu nunca vou fazer isso na vida porque é nojento.

Eu tinha nojo, sabe?

Só que assim...

Hoje eu entendo que passar por tudo isso foi necessário pra eu aprender a superar isso e ajudar as pessoas que eu falo hoje nas minhas redes a superar também.

Sabe?

Eu converso com muitos adolescentes

Também, gays, negros, que também passaram por isso na infância.

Então, eu sou muito grato por ter passado por esses desafios, mesmo que tenham me doído, porque agora eu tenho como falar com essas pessoas e ajudar elas agora.

[Arnaldo]

Essa questão dos "haters", que entram pra fazer comentários pra depreciar, comentários que não são nada construtivos.

O que eu faço é o seguinte:

Ou eu vou entrare fazer alguma brincadeira, algum deboche, vou rir.

Ou eu simplesmente vou pegar essa pessoa, se eu vejo que essa pessoa está sendo nociva, eu vou bloquear essa pessoa, vou excluir o comentário e vou bloquear essa pessoa.

Eu aprendi isso porque é como uma laranja podre, ela vai contaminar outras pessoas.

De repente, as pessoas estão ali assistindo ao seu vídeo, estão gostando, e vem esse comentário, esse comentário está recebendo muita atenção, ele começa a influenciar as outras pessoas a ir por um caminho que é totalmente contrário à tua arte.

Então, eu já bloqueio logo, ele que vá reclamar de mim lá em outro lugar.

E é diferente o "hater" do fanático religioso. Eu tenho mais medo do fanático religioso.

[Video Apostolo Arnaldo]

♪

Decambala xebela

decam tulabás.

Oh, labás!

Ah, demanda!

Nós somos o Grupo Terrorista

Estado Evangélico, o primeiro grupo terrorista evangélico do Brasil.

E nós temos um ultimato para dar para o Brasil, que é a grande Babilônia.

Nós vamos proibir o carnaval no Brasil.

"Hanra! Hanra!"

Vamos seguir tudo de acordo com a Bíblia.

"Decambela rasubi!"

Não pode mais ter tatuagem, não pode mais ter baile funk, não pode comer carne de porco.

Tudo que está em Levítico nós vamos ter que fazer.

Amém?!

Amém!

[Arnaldo]

Já tem hoje aí igrejas que os fiéis vão lá atacar o centro de umbanda, quebram o centro de umbanda.

Já tivemos episódio, no passado, de quebrar imagem de igreja católica, de santo católico.

Esse embate.

E se não houver, realmente, espaço pra você poder fazer uma crítica, a tendência é que isso vire um totalitarismo e depois fique fora de controle.

[Video JoutJout]

Venha cá! Venha cá!

Esse sujeito está te impedindo de sair com os seus amigos?

Ou está te colocando contra os seus amigos e os seus familiares?

♪

Ele já mandou você tirar o batom porque você estava com cara de puta com esse batom vermelho?

Ele já sacudiu um guardanapinho na tua cara?

"Tira esse batom!"

♪

[Júlia]

Eu fiz o meu mapa astral uma vez, com um cara, que ele falou isso:

Que eu inicio as pessoas nas coisas.

Tipo, você não vai entrar no meu canal e vai fazer um curso sobre feminismo.

Mas você vai ter um primeiro contato e você vai falar: Peraí!

Deixa eu pesquisar mais sobre isso.

[Mulher]

Você fez uma série explicando o que era democracia.

Aquilo foi uma coisa absurdamente pedagógica.

Na minha visão, é uma Júlia, é uma Jout Jout.

Aí você vai...

Aí tem a Jout Jout que fala das questões das relações pessoais, dos desafios de amar, de ser amada.

Tem a Jout Jout que fala de um livro infantil.

[Homem]

Maravilhoso!

[Mulher]

Que é maravilhoso aquele...

Maravilhoso mesmo, emocionante!

A gente aqui chorou junto vendo aquele...

[VÍdeo JoutJout]

♪

O livro se chama

"A parte que falta", psicanalistas choram, né?

O meu psicólogo antigo, ele falava que eu tinha um problema com a falta.

Porque eu sempre tinha um burquinho vazio que eu tinha que tapar todos os burquinhos.

Sempre tá faltando alguma coisa e eu tenho que tapar.
Aí destapa aqui, e eu falo: Não!
Eu tenho que tapar todos os buraquinhos.
E aí você não tapa os buraquinhos e você tem que...
Dito que você é um ser humano, você tem que saber lidar com as faltas.
Sabe?
E aí a vida é essa grande "preenchção" e "despreenchção" de buraquinhos que faltam.
E aí não faltam, aí faltam e aí não faltam...

[Julia]

Sabe o que é muito doido nesse vídeo desse livro?
Quando eu fiz o vídeo do "Não tire o batom vermelho", que é sobre relacionamentos abusivos, pra você identificar se você tá num relacionamento abusivo, até hoje só mulher me para na rua pra falar:
Muito obrigada, eu terminei um namoro por causa daquele vídeo.
Ou: Você salvou a minha mãe porque minha mãe estava num relacionamento abusivo com o meu padrasto, e aí ela terminou, eu botei ela pra ver o vídeo...
Minha prima...
É sempre alguma mulher agradecendo pela sua história ou pela história de alguma outra mulher que ela conhece.

Esse vídeo da parte que falta, desse livro, que é sobre esse vazio impreenchível que existe em nós, só homens me param na rua pra falar sobre esse livro.
Como é que pode?

[Spartakus]

Eu lembro que no final do meu primeiro ano da faculdade, um amigo chegou pra mim e falou assim:
Gente, a gente já viveu 25% da faculdade.
Vocês já viveram 25% do que vocês queriam fazer?
Nesse dia eu saí determinado e falei:
Eu tenho que curtir a minha faculdade.
Aí foi um dia que eu fiquei muito bêbado, tentei pegar uma garota, pela milésima vez recebi um não, e aí eu falei: quer saber?
Eu vou tentar outra coisa hoje.

Foi 2013 isso.

E aí foi o momento que eu comecei a explorar outro lado meu.
Ao mesmo tempo foi um processo bem estranho, porque...
Sei lá...
As relações gays, elas são meio na clandestinidade, né?
E aí, assim, as minhas primeiras experiências sexuais foram na rua, em lugares escondidos, estranhos, escuros.
E era tudo muito ruim, sabe?
Eu nem sabia por que eu tava fazendo aquilo.
E eu pensava:
Não é possível que eu seja a única pessoa passando por isso
E eu não era, sabe?
O vídeo mostrou que eu não era porque muitas pessoas se identificaram.
Muita gente falou: Cara!
E é isso, a gente não tá sozinho.
A gente está fingindo que isso não está acontecendo pra manter a normalidade porque as pessoas acham que isso é motivo de vergonha.

Mas vergonha tem que ter quem fez a gente entrar nesse lugar.
Vergonha tem que ter quem nos rejeita, quem faz a gente sofrer, sabe.
Eu não tenho que ter vergonha da minha história.

[Guilherme]

Todo mundo nasce pelado, e daí em diante, está todo mundo fazendo "drag".
Algumas pessoas não percebem, acham de verdade que elas são médicos, dentistas,
juízes, policiais.
Mas na verdade todas elas estão colocando uma roupa que as identifica e assumindo
uma identidade que não é necessariamente delas 24 horas por dia, pra desempenhar
um papel na sociedade.

Existe esse lugar durante o processo de caracterização, que a gente chega no meio
do caminho, né?

De que a pessoa começa a desaparecer e a persona começa a aparecer.

[Mari G]

Puxa um pouco a alça?

[Guilherme]

Deixa eu ver.

[Mari G]

Tá meio solto, não tá, aqui?

[Guilherme]

Tá. Você acha que ponho mais um?

[Mari G]

É que eu acho que não vai fechar porque já está bem apertado.

[Guilherme]

Por que eu não comprei do meu tamanho?

[Mari G]

Por que você não comprou de homem, no caso?

[Guilherme]

Por que você não comprou de rapaz?

[Mari G]

Por que você não comprou aquele que você deveria?

[Guilherme]

Normalmente, eu não saio montado, se não for pra trabalhar, né?
Por exemplo, eu me montei, eu tô indo dar uma palestra, eu tô indo dar uma aula,
eu tô indo dar uma entrevista na TV, e as pessoas na rua não sabem o que tá
acontecendo.

E é muito engraçado assim, os olhares que a gente recebe.

Mas o que eu mais gosto são as crianças.

Porque toda vez que uma criança vê uma drag queen fica muito claro que as crianças
dão um banho nos adultos quando o assunto é arte.

[Video Rita Von Hunt]

♪

Olá, amiguinho politizado!

Você já deve ter visto em algum lugar aqui da tela que o tema do vídeo de hoje é a famosa, saudosa e "ah! Como faz falta" consciência de classe.

Sim, senta que lá vem história.

Essa é Roxellycsen.

Ela é uma Barbie.

É mentira, gente.

Ela é uma boneca de 1,99, vocês estão vendo.

Mas ela acha que ela é uma Barbie.

Ela é uma escala, em menor tamanho, de você, pobre de direita ou classe média baixa que tem certeza que é rico.

[Homem]

Aí, oh!

[Homem]

Esse é o que tu escolheu, quero ver se tá bom mesmo.

[Arnaldo]

Esse aí é diferenciado.

A gente fala de religião.

E tem umas partes de política.

Eu fiquei preocupado, porque eu fiz um show em Magé e a gente...

Eu falei ali de política e teve um pessoal que não gostou, entendeu?

Mas ao mesmo tempo, eu acho que religião e política se confundem.

[Homem]

É, cara. O problema de mexer com religião é isso.

Tem muito religioso que virou político e político religioso.

Aí tem que saber o que tu vai fazer.

[Arnaldo]

Tem pastor que é deputado.

[Homem]

É...

[Arnaldo]

Tem a bancada evangélica.

Como é que eu não vou mencionar isso no show?

[Vídeo Apostolo Arnaldo]

Meu pai, eu te peço que me guarde no dia de hoje, nessa grande Babilônia que é o Rio de Janeiro.

Me livra do sequestro e da passarela que cai, do bueiro que explode, da enchente e da facada do cracudo.

Ah, meu pai!

Que eu possa escapar do arrastão pela contramão.

Desvia de mim a granada jogada pelo helicóptero, não deixe a ciclovia desabar e não permita que o túnel caia sobre a minha cabeça.

[Arnaldo]

Eu acho esse negócio de estado laico no Brasil a maior mentira.

O Brasil não é um estado laico.

[Homem]

O que é errado, né? Porque o certo seria ser.

[Arnaldo]

Ele é de aparência.

Mas na verdade o Brasil é um estado religioso.

Eu acho que há um plano, até de uma igreja famosa, você deve saber de quem eu tô falando aqui.

Eles querem dominar o Brasil e chegar ao poder.

[Homem]

Ah, sim!

[Arnaldo]

Agora, por enquanto, apoiando candidatos e depois até elegendo o pastor presidente do Brasil.

[Homem]

Mas sempre quiseram, cara.

O que eles sempre quiseram foi isso, só que nunca conseguiram.

Mas é o que você falou, agora eles estão vindo...

Vamos pro lado da política aqui, vamos apoiar fulano, que a gente vai conseguir chegar, daqui a pouco a gente pega e tira ele e bota um líder nosso.

[Arnaldo]

A igreja é curral eleitoral.

[Guilherme]

As memórias daqui, eu acho que são majoritariamente boas, eu lembro outro dia de estar conversando com uns amigos e alguém me fazer essa exata pergunta:

Como foi o período que você morou no Rio?

E eu acho que eu falei:

Foi feliz. Foi bom.

Eu fico pensando se...

Agora quando eu volto, e volto e vejo esse lugar que eu vivi, que eu amei, que eu morei, que eu trabalhei, que eu estudei, conheci, e eu acho que, cara, tá tão...

Não sei. Judiado.

Dá uma tristeza de ver que estamos assim.

[Video Rita Von Hunt]

♪

Ela é uma indústria que se alimenta do medo.

Pra vender cerca elétrica, muro, grade, arma...

Financeiramente falando, é muito interessante ter uma população amedrontada e alardeada sobre o seu próprio medo porque isso gera muito lucro pra infinitos setores.

Uma população amedrontada não ocupa as ruas, não ocupa os lugares públicos, os espaços públicos.

Ela se desloca com medo da grade do trabalho pra grade da casa.

E ao deixar de ocupar a rua, ao deixar de ocupar o lugar público, ela deixa de ter vivência política.

[Guilherme]

Eu faço humor, mas o humor não é o prato final, ele é a entrada.

O prato final que eu tô tentando servir é um prato amargo.

Ele é sobre consciência de classe, sobre debate político, ele é sobre o direito à cidade.

E servi-lo com uma entradinha de humor, eu acho que faz toda diferença no "Tempero Drag".

[Spartakus]

E aí, gente?! Tudo bem?

Hoje eu tô aqui na casa do Jongo da Serrinha, no bairro de Madureira, que é um lugar de cultura negra e resistência, há muitos anos.

Eu tô aqui na casa do Jongo da Serrinha, no bairro de Madureira, que é um lugar de cultura negra e resistência, há vários anos.

E eu vou mostrar um pouco pra vocês desse lugar tão incrível.

Sabe o que eu acho incrível?

Entrar aqui e ver tantas mulheres negras sendo valorizadas.

[Mulher]

Sim.

[Spartakus]

Aqui inverte a pirâmide.

[Mulher]

Sim.

[Spartakus]

Quem está na base, aqui está no topo.

[Mulher]

A Serrinha tem uma história...

Muita história pra contar.

E linda!

[Spartakus]

Não deixar o jongo morrer, né?

[Mulher]

O jongo que é considerado o pai do samba, o avô do samba, né?

Bonecas negras.

As crianças amam!

Tem que ter.

[Spartakus]

Algumas estão meio descabeçadas.

[Mulher]

Pois é, a gente tá aqui o dia todo pra consertar essa boneca.

Porque elas pegam com tanto carinho, sabe?

[Spartakus]

Muito amor.

Mas aqui tem espaço pros brancos também, né?

[Mulher]

Tem, claro.

[Spartakus]

A cota!

[Mulher]

É... É linda também.

[Spartakus]

Ela tava me falando ali, né?

Que uma amiga dela falou que só limpava banheiro de pessoa branca.

Uma pessoa negra falar isso, né?

Que não limpa banheiro de gente preta.

Isso é uma pessoa negra falando.

Porque o racismo é estrutural, a gente reproduz sem notar.

Por isso, eu entendo também que os brancos também fazem parte disso.

Eles reproduzem esse racismo.

E eu entendo que o problema não é você reproduzir o racismo, é você tomar consciência disso e não fazer nada pra mudar.

Pessoas brancas estão no topo porque tem alguém na base.

Isso é fato.

Mas ele pode, mesmo assim, ser um aliado.

Cabe a ele não achar que o que a gente tá falando é "mimimi", que é chatice, que é, enfim, vitimismo, porque é fato.

Por que é que eu venho na periferia e só tem gente da minha cor?

Por que é que eu vou na zona sul e só tem gente branca?

Por que é que as pessoas do audiovisual, que gravam documentários, não têm a minha cor?

Por que é que os lixeiros têm a minha cor?

É estrutural.

A gente tem que fazer algo pra mudar isso porque isso não é normal, não pode ser natural.

Eu a minha vida toda raspei a cabeça porque a minha família falava que era cabelo ruim.

Eu queria ter cabelo grande.

Quando eu cheguei aos 22 anos, eu li a entrevista de um garoto negro na internet, falando exatamente disso.

Por que é que eu raspo o meu cabelo?

Eu nunca me perguntei.

E aí eu comecei a me perguntar também, comecei a deixar crescer e aí é aquele momento que você deixa o black, né?

Pra você descobrir qual é o seu cabelo, porque eu nem sabia, na época.

Não sabia se era ondulado, se era cacheado, se era crespo, a textura, se era 3C, 4C.

Foi o momento de descobrir quem ele era e agora eu tô descobrindo o que eu faço com o meu cabelo, né?

[Mulher]

♪ Ah, vem jongueiro ♪

[Spartakus]

Ela canta!

[Mulher]

♪ Da Serrinha Rosal ♪

♪ Oh, vem jongueiro ♪

♪ De Pirai e Pinheiral ♪

Amassando o café.

♪ Sou candongueiro ♪
Tem outro passo, oh!
♪ Me chamou, tenho que ir ♪
♪ Oh, vem jongueiro ♪
♪ Santa Rita Bracuí ♪
♪ Venha São José dos Campos ♪
♪ Ora, vem Tamandaré ♪
♪ Miracema e Vassouras ♪
♪ E o quilombo São José ♪
♪ Em Campinas, tenho dito ♪
♪ Que Ribeiro tem macete ♪
♪ Fui dançar em Porciúncula ♪
♪ Acabei lá em Piquete ♪

Oh, já tá indo...

[Spartakus]
Você é maravilhosa!

[Mulher]
♪ Em cajueiro ♪
♪ De Itapemirim ♪
♪ Vi Carangola ♪

Umbigada.

♪ Dançando assim ♪

Vamos girar.

♪ Dançando o jongo ♪
♪ Negro banto ♪
♪ Jongo em Pádua ♪
♪ É Caxambu ♪

E quando vêm os jongueiros todos pra cá...
É aquela festa, né, Damiana?!

[Spartakus]
Aplausos! Arrasou, querida!
Vamos tirar uma selfie.
Eba!

[Julia]
Oi, família Jout Jout!
Aqui temos um jambeiro.
E aí eu queria fazer uma pequena reflexão sobre o jambeiro que é o seguinte...
Sempre que eu vejo esse tapetinho rosa de um jambeiro,
eu fico assim:

Cadê as flores que estão gerando esse tapetinho rosa?
Porque do lado de fora você não vê.
E aí, quando você se enfia debaixo do jambeiro, aí sim você vê de onde estão saindo
as...
As poeirinhas rosas que ficam ali dentro.

Eu acho isso um símbolo maravilhoso da vida.

Seguidores é uma palavra que eu desgosto.

Não gosto dessa imagem.

"Seguidores".

Como se tivesse umas pessoas...

Eu imagino uma coisa meio zumbi assim, sabe?

Meio...

Sei lá, acho baixo-astrol essa ideia de seguidores.

Acho que por isso que eu inventei esse rolê de "família Jout Jout", porque eu sinto mesmo como se fosse um tipo de família.

E aí, mas assim...

O sistema tá aí, então eu tenho 2 milhões e uns quebradinhos de seguidores.

Quando você é youtuber e você coloca um vídeo no YouTube, você monetiza esse vídeo, então ele entra lá no rolê dos algoritmos e os algoritmos decidem que a partir de 20 milhões de critérios, você deve ganhar esse mês X dólares.

Cachê é outro rolê.

Cachê é tipo, uma marca te contrata pra fazer um vídeo sobre algum item ou alguma coisa, sei lá.

Ou senão palestra...

Aí entra a coisa do cachê, mas são coisas diferentes.

Monetização, cachê...

Salário...

Salário não sei mais o que é há muito tempo.

[Video JoutJout]

Eu tinha uns temas aqui em algum lugar.

É bom ter tema, né?

Esfregar o seu piru nas pessoas dentro de transportes públicos virou uma boa ideia.

Quando é que foi isso?

Não acompanhei essa transição.

Piru tem que ficar dentro da cueca.

Em lugares públicos, principalmente.

A não ser que você esteja numa cachoeira com várias pessoas de piru de fora do seu lado.

Quando eu comecei o canal, sempre que saía uma reportagem sobre mim, as pessoas falavam:

"De cara lavada, a youtuber Jout Jout", não sei o que lá...

Sempre na manchete, no título tinha "de cara lavada".

Porque esse era o meu grande diferencial, que eu não estava me ajeitando todinha pra gravar um vídeo que ia ficar na eternidade da internet.

E isso era impressionante.

Como pode? Que ela escolheu se filmar sem maquiagem?!

Olha que doido que isso é um ponto de atenção, isso é algo que vale a pena citar.

[Guilherme]

Todo mundo consegue me escutar?

Se quiser que eu pegue o microfone, eu canto muito bem o "Sole Mio".

Melhorou?

Aí pra vocês atrás melhora?

Vou tossir fora do microfone um segundo.

Ai, menina! Esse ebola!

Toda vez que você tem o estereótipo, ela é uma imagem, uma impressão, e às vezes é uma impressão subjetiva, pessoal, dura e rígida, que não passou pela experiência e não se tornou maleável, né?

Mas lembra que coisas duras e rígidas podem ser quebradas.

Tem vezes em que eu sou contratado para palestrar em empresas, em ambientes corporativos.

E quando a drag queen entra nesse lugar, eu acho que ela explode a cabeça das pessoas.

Primeiro das que sabem o que é uma drag queen, e tavam esperando uma pessoa com uma peruca de dois metros, muito glíter, a bandeira do arco-íris, patins, explosão de papel picado.

E de repente entra uma professora de humanas.

E das que não conhecem a drag, porque elas não sabem se elas estão vendo uma travesti, uma drag queen, uma mulher de dois metros de altura, se é um ator, se é um comediante, se é mesmo um professor...

[Video Rita Von Hunt]

♪

No vídeo de hoje eu tô um pouco trêmula, um pouco nervosa e primeiro de janeiro nem chegou.

♪

Bom, amorzinho aí de casa, como você deve ter visto em algum local dessa sala, dessa tela, no vídeo de hoje, a gente vai discutir sobre gênero e natureza.

O que significa ser um rapaz?

E o que significa ser uma moça?

Quando a gente faz essa pergunta, a gente começa a desnudar o aspecto dessa questão.

Ser homem no Brasil de 2018 significa:

Cuspir no chão,

coçar o saco, blá blá blá...

E agora o que significa ser homem no Japão feudal do 1500?

O que é ser homem pra um aborígine australiano do ano 400 antes de Cristo?

E o que é o ser homem na Nova Guiné agora?

Vocês estão entendendo, que pra cada uma dessas civilizações e pra cada um desses recortes tempo espaciais, ser homem significa uma coisa?

E a gente não precisa ir muito longe pra lembrar que durante o século 18, 1700 e qualquer ano que você escolher, na corte francesa, ser um homem era usar pó-de-arroz, batom, meia-calça e peruca.

[Júlia]

Aconteceu uma coisa muito interessante na minha vida, que foi que de repente todas as amarras que eu tinha a um lugar se desfizeram.

O contrato de aluguel que eu tinha em São Paulo acabou e o proprietário pediu o apartamento de volta,

eu falei: Ok, toma.

O meu namoro acabou.

As minhas cachorras, que são as minhas maiores amarras, minha mãe topou ficar com elas.

E aí, quando eu vi, nada me prendia a lugar nenhum.

Meu trabalho, que trabalho, geralmente, é uma coisa que te prende num lugar, meu trabalho, posso fazer de qualquer lugar, basta eu ter meu computadorzinho, uma camerazinha, um tripézinho, já tá feito.

E aí, eu falei:

O que é que eu tô fazendo trancada dentro de casa?

Em São Paulo!

Não faz sentido isso. E aí, eu fui-me embora.

Eu acho que a grande parada de mochilar é repensar.
Tudo! Tudo!

A forma que você come a forma que você dorme a forma que você se veste, a forma que você caminha, a forma que você vê beleza em você.
Meu irmão! Isso muda.

Primeiro que não tem muito isso de ficar se olhando no espelho porque não tem espelho.
Então a sua relação com a estética do seu corpo está completamente relacionada ao funcionamento do seu corpo.
Então, assim, se você está com um cocô maneiro, se você tá mijando bem, você se sente linda.

[Spartakus]

Youtubers criadores de conteúdo estão cada vez mais com surto de ansiedade, depressão...

Primeiro, as próprias redes sociais, elas viciam.

A gente fica com "fear of missing out", é o nome que dá.

A gente fica preocupado em saber o que tá acontecendo, a toda hora.

E acaba que a gente perde o hábito de ficar entediado.

Toda hora a gente tem que ficar com o celular na mão.

Só que pra gente isso não é um hobby, isso é trabalho.

Todas as redes também têm uma lógica de game, né?

As pessoas parecem que estão em uma competição pra ver quem é que tem mais like, quem é que tem mais seguidor, quem é que chega no topo.

Só que não tem topo.

Você chega a 100 mil seguidores, aí você fala:

Preciso agora chegar a 200.

Aí você chega a 200 e ainda acha que não é o bastante.

Precisa chegar a 1 milhão.

E nunca é o bastante.

Ainda tem a questão dos algoritmos.

Hoje em dia as redes sociais influenciam que você poste o máximo possível.

Eu tenho que postar dois vídeos por semana no YouTube, eu tenho que postar todo dia uma foto no Instagram.

E se eu ficar um dia sem fazer isso, meu engajamento cai, eu paro de aparecer pras pessoas.

Então, às vezes, eu nem tenho o que falar, mas a plataforma cobra que eu poste.

[Culto]

♪ Tens liberdade aqui ♪

♪ Espírito de Deus Espírito de Deus ♪

♪ Tens liberdade aqui ♪

♪ Espírito Santo Espírito Santo ♪

♪ O teu perdão é completo o teu perdão é completo ♪

♪ Ele sara minh'alma ele sara minh'alma ♪

[Pastor]

A Bíblia diz que a fé sem obras ela é...?

A fé sem obras ela é?

Morta.

Mas a tua fé vai ativar uma grande colheita para a sua vida.

[Culto]

♪ Eu sou tua casa Tua morada ♪

♪ Eu sou teu lar ♪

♪ Mude as coisas de lugar ♪

[Pastor]

Que o amor de Deus e a graça do senhor, a benção do Espírito Santo esteja com todo o povo de Deus desde agora para todo o sempre.

[Arnaldo]

Eu era pastor, 100 mil seguidores, eu vou virar bispo, aí 500 mil, virei apóstolo.

Agora, quando eu fizer 1 milhão, eu vou ser vice-Deus.

Imagina! Vice-Deus, Arnaldo chegando aqui.

Oh, Arnaldo!

Meu concorrente!

O que é isso?

Quero voltar aqui quando você for bispo, pelo menos.

Porque é pastor há muito tempo.

Já falei isso contigo.

Já sou apóstolo e você é pastor ainda.

Quando é que vai mudar?

Tem que mudar.

[Pastor]

Não, eu sou tranquilo.

Aumenta a responsabilidade.

Eu tenho muita responsabilidade, realmente.

Bom te ver.

De vez em quando passa aí.

Vem um dia pra assistir ao culto, poxa.

Você vem só no final.

Tá com medo de se converter, hein!

[Arnaldo]

Pois é...

[Julia]

Aqui nós temos calcinha, sutiã e meia.

E absorventes de pano.

É basicamente isso.

Caixinha de som...

Itens de higiene pessoal.

Um vibrador.

Aquele lenço.

E um casaquinho, que não pode faltar, né?

Porque...

Ah! E minha bota também.

Eu saí de Brasília.

Comprei o carro em Brasília, aí eu fui pra São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, aí Bahia...

Bahia...

E dá-lhe Bahia!

Bahia nunca acaba.

Nossa!

Você entra embaixo, de carro, pela Bahia, até você sair lá em cima, 6 anos se passam e você não sai.

E só retão, retão, retão...

Bahia, Bahia não acaba nunca!

O que é ótimo também porque se pudesse nunca acabar a Bahia também tava muito bom.

E aí, Sergipe, Alagoas, Pernambuco...

E Paraíba, né?

Que é onde estamos agora.

E agora, rumo a Lençóis Maranhenses.

[Buraco Show]

♪ Aqui não tem dark room ♪

♪ Estamos na zona sul ♪

♪ Botafogo e me ama aqui ♪

♪ O show é seu Vem me ouvir ♪

[Guilherme]

Rio de Janeiro me surpreendendo a cada dia um pouquinho mais.

Gente, eu morei aqui quatro anos da minha vida.

E eu não conhecia esse lugar.

Então, corram pra cá, a gente se vê hoje à noite.

Beijinho, tchau!

[Buraco Show]

♪ É o Buraco Show

Somos estranhas ♪

♪ É o Buraco Show

Somos estranhas ♪

[Guilherme]

Muito bom! Obrigada!

[Namorado]

Quem é?

[Guilherme]

Oi, mozi!

Quem virou artigo acadêmico?

Temos a satisfação de informar que o seu trabalho intitulado Rita Von Hunty e o canal Tempero Drag representatividade política, inscrito...

Então, vamos beber.

[Namorado]

É Gin puro?

[Guilherme]

Não, é tônica. Quer?

[Namorado]

Nesse ponto eu tô precisando de puro mesmo.

[Guilherme]

É álcool de lavar banheiro.

[Mari G]

Ah! Aquele que você gosta.

[Guilherme]

É, o que eu tomo normalmente.

Zulu. Esse mesmo, tá patrocinando o filme.

[Buraco Show]

♪ A vida de artista é dura

Não pago minhas dívidas ♪

♪ Recebo minhas entidades

Minha pombagira ri ♪

♪ Nesse palco eu serei ♪

♪ Entra no meu Buraco

Entra que tem bebida ♪

♪ A vida de artista é dura

Eu não pago minhas dívidas ♪

♪ Recebo minhas entidades

Minha pombagira ri ♪

♪ Nesse palco eu serei maior ♪

♪ Bate palma pra mim ♪

[Video Rita Von Hunt]

Quando no "Grande sertão" Guimarães evoca que a vida apertada e afrouxa, esquenta e esfria, sossega e desassossega e o que ela quer da gente mesmo é coragem, ele tá, de uma forma muito simples e muito sertaneja, nos dando o grande saber da filosofia oriental, tudo que a gente precisa pra viver bem é a certeza de que nada é pra sempre.

[Spartakus]

Eu curto muito o seu estilo, a coisa meio desconstruída, sei lá, meio caótica.

[Tatuador]

Um pouco.

E tem a coisa do afro, né?

Da nossa referência, da nossa base, dos traços, dos detalhes, da referência de identidade, como povo.

Acho importante também.

[Spartakus]

E eu acho que o legal desse desenho é que passa uma ideia de desconstrução e de construção, ao mesmo tempo.

Porque eu acho que é isso, né?

Ninguém tá pronto.

Ninguém tá totalmente desconstruído, a gente tá sempre aprendendo algo novo e abandonando um conceito errado também, né?

Sabe o que é engraçado?

Assim, eu tenho um amigo que é muito privilegiado.

Ele é homem, branco, rico...

Ele é um amor de pessoa, mas ele é muito privilegiado.

E assim eu queria saber qual era o problema que ele vivia.

Porque eu, nordestino, tem a xenofobia... Sou LGBT...

Quando você não tem que lidar com nada disso, o que é que te angustia como ser humano?

E aí ele é um cara que sofre por amor.

É isso.

Quando você não tem nenhuma opressão, só o que te angustia é o amor.

Eu quero ser essa pessoa.